



A INFOCRACIA E A PROBLEMÁTICA DA TOMADA DE DECISÕES CONSCIENTE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Dionas Rodrigo Leite dos Santos¹
Ma. Ariani Azovani Oliveira²

1 INTRODUÇÃO

Atualmente vive-se em um processo de digitalização do mundo, nunca antes observado na história da humanidade, a qual passou a ser produtora de tanta informação simultânea nas redes. A sociedade pós-moderna se vê envolta em uma teia de fluxos informacionais diversos, em que a verdade e a liberdade consciente de escolha se tornam um sonho cada vez mais distante.

O presente ensaio promove uma discussão sucinta sobre a dinâmica da infocracia na conjuntura político-social atual, buscando problematizar como se dá a tomada de decisão dos atores sociais no contexto da sociedade da informação. Para tanto, primeiramente objetiva-se abordar o conceito de infocracia e suas nuances tendo como referência a obra homônima do filósofo *Byung-Chul Han*.

Em seguida, busca-se compreender como se dá a tomada de decisões dos indivíduos inseridos na sociedade informacional. Assim, questiona-se: há possibilidade de decisões conscientes na presente conjuntura, caracterizada pelo excesso de informações? Constata-se, que se vive sob o manto da vigilância extrema, em que a coletividade está exposta e toda a informação é fragmentada com propósitos claros, manter o controle total sobre as consciências, por meio do psicopoder.

A importância do tema ora abordado, se justifica na construção de reflexões críticas sobre a vivência enquanto sociedade estimulando, desse modo, a compreensão coletiva comum de que os dados estão disponíveis ao livre mercado, que segue a lógica neoliberal de poder pelo poder, usurpando de todos a capacidade de escolhas autônomas e conscientes.

¹ Graduado em Direito pela Faculdade Metodista Centenário – FMC. Endereço eletrônico: dionasleiteadv@hotmail.com

² Professora do Curso de Direito da Faculdade Metodista Centenário – FMC. Endereço eletrônico: ariani.oliveira@centenario.metodista.br



2 METODOLOGIA

Para que se consiga demonstrar de modo preciso e coeso a dinâmica atual da infocracia no mundo, bem como suas nuances na sociedade da informação e sua influência na tomada de decisões dos seres sociais, faz-se uso do método de abordagem dedutivo, combinado com técnica de pesquisa ao referencial bibliográfico já produzido sobre o tema, em especial a obra infocracia (2022), do filósofo Byung-Chul Han.

3 DESENVOLVIMENTO

Na atualidade vive-se sob a égide da informação, onde a forma de dominação dos seres sociais se dá por intermédio do processamento e tratamento de seus dados colocados à disposição das grandes empresas por meio das redes sociais e ferramentas de pesquisa. Esse controle dos dados, e, consequentemente dos indivíduos se dá, na maioria das vezes, de modo sutil, imperceptível aos olhos e sentidos humanos³.

Manuel Castells (2003, p. 149), ao refletir sobre a vida na sociedade da informação constata que

O aspecto mais aterrorizante é, de fato, a ausência de regras explícitas de comportamento, de previsibilidade das consequências de nosso comportamento exposto, segundo os contextos de interpretação, e de acordo com os critérios usados para julgar nosso comportamento por uma variedade de atores atrás da tela de nossa casa de vidro [...] a transparência de nossas vidas moldará decisivamente nossas atitudes. Se esse sistema de vigilância e controle da internet se desenvolver plenamente, não poderemos fazer o que nos agrada. Talvez não tenhamos nenhuma liberdade, e nenhum lugar onde nos esconder.

A julgar pelo modo como se vive atualmente, nos campos de criação e armazenamento de dados, observa-se um movimento sutil de coleta de informações dos usuários, e, de outro lado a produção continuada de dados por todos os indivíduos. Estes, mal percebem e tampouco sabem os efeitos que esse agrupamento de informações pode causar, pois estão imersos na sociedade da transparência.

³ O DILEMA DAS REDES. Documentário. Direção: Jeff Orlowski. Estados Unidos da América: Netflix, 2019. Disponível em: netflix.com.br. Acesso em: 24 out. 2022.



Neste cenário, o mundo sofre uma grande digitalização, a produção destes dados se dá de modo autônomo e uma ruptura informacional se instaura, submetendo a todos uma mudança radical de percepção sobre o que é de fato relevante ou não. Nessa lógica há um atordoamento pela embriaguez de comunicação e informação que se recebe, haja vista o excesso que torna o processo de decisões políticas raso e sem sentido e a democracia se degenera em infocracia (HAN, 2022, p. 07-25).

É comum na modernidade relatos de entupimento de informações, que se encontram cercados por todos os lados e não há controle algum sobre o que se recebe, já que se estão disponíveis a uma manipulação misteriosa. Isto posto compreende-se, que a informação em demasia, tem o fim único tornar seres cada vez mais desinformados (DEMO, 2000, p. 39-40).

Então, tomar decisões conscientes nesta conjuntura é uma tarefa complexa e desafiadora, uma vez que se está imerso em informações e com o mercado no controle de todos os interesses através das redes sociais e das mídias digitais. Escolhas democráticas perdem espaço, e os indivíduos se tornam seres voltados ao consumo e produção de mais dados e informações.

Há, nesse interim um processo de midiocracia em evidência, como nuance da infocracia, onde as mídias assumem papel central na reformulação do pensamento social dentro dos campos políticos, algo problemático conforme destacam Thomas Meyer e Lew Hinchman, (2008 p.155), ao explicar que

Porém, o horizonte temporal da mídia não permite que sejam tomadas decisões suficientemente amadurecidas, pois se encontra estritamente vinculado ao presente imediato, como se fosse um processo cartesiano ou geométrico que representasse um período de tempo que quase não tivesse extensão.

Essa visão cartesiana observada pelos autores se dá em razão da lógica neoliberal presentista, em que as mídias desempenham o psicopoder sobre a coletividade, poder este capaz de intervir nos processos psicológicos. Assim, além da exploração do outro, produzido pelo poder punitivo, o auto controle e a auto exploração são promovidos sobre os corpos explorados (CASARA, 2019, p. 49).

A expressão deste psicopoder está dimensionada na propagação das informações através das mídias amplamente utilizadas na contemporaneidade, como ressalta Alain de Botton (2015, p.28).



[...] quando se trata de privar as pessoas de vontade política, existem dinâmicas muito mais traiçoeiras e críticas do que a censura. Elas envolvem o empenho de confundir, entediar e distrair a maioria, afastando da vida política ao apresentar os acontecimentos de maneira tão desorganizada, fragmentária e intermitente que a maioria não é capaz de fixar a atenção por tempo suficiente no desenrolar das questões mais importantes.

Dentro desta dinâmica, em que os indivíduos recebem informações em excesso e fragmentada, sem a percepção de intervenção externa, atrelada ao controle dos processos psicológicos por intermédio do psicopoder, tomar decisões de forma autônoma parece irrealizável. Essa teia muito bem armada pela união dos poderios econômicos capitalistas faz dos setores da elite nacional e internacional, os principais beneficiários das ações políticas.

Ao refletir sobre a influência da informação na contemporaneidade Gilberto Dupas (2011, p. 52) constata que “na atual situação das grandes massas excluídas da sociedade global só resta o identificar-se-com-quem-parece-ser-ou-ter”. Ou seja, o ser imerso na sociedade da informação não é mais dono de si, não existindo mais autenticidade, apenas um agente que consome e produz para parecer ser.

Nesse sentido, Siva Vaidhyathan (2011, p. 97) destaca que as ferramentas de pesquisa têm grande influência pois “a googlelização de tudo envolve a coleta, cópia, agregação e classificação das informações sobre cada um de nós e nossas contribuições”. Da posse dos dados, fica mais fácil manter o controle sobre as escolhas das pessoas, e a vigilância agora se dá com ares de liberdade.

Então, fazer escolhas dentro deste contexto assume uma postura racional, algo dificilmente alcançável, uma vez imersos em um mar de informações e dados. A tecnologia que deveria assumir papel crucial de modificação positiva da sociedade, para atender interesses econômicos degrada a comunicação participativa, na sociedade da informação os vigiados não precisam se comunicar, mas gerar dados e consumir.

4 RESULTADOS E CONCLUSÕES

Como observado ao longo do presente ensaio, vive-se na era da infocracia, em que toda e qualquer racionalidade é suprimida em razão do excesso de informações que são ventilados a todos os usuários das redes. Observou-se que a vigilância na sociedade informacional se dá pelo uso dos dados dos indivíduos em razão da digitalização do mundo visando interesses econômicos.



Isto posto, constatou-se, com o uso do referencial bibliográfico sobre o tema que tomar decisões conscientes é tarefa árdua e praticamente irrealizável e que as escolhas são baseadas pelos dados que as pessoas produzem e informações que são consumidas. Pode-se dizer então, que hoje a democracia está degenerada em infocracia. O debate político portanto se esvai e, as discussões se tornam retóricas vazias, perdendo o debate político a racionalidade.

Portanto, dentro desta dinâmica, em que tudo parece ser transparente o tempo todo e as pessoas são convidadas a produzir mais dados e consumir informações, ter escolhas conscientes não é viável, tampouco visualizado. Verifica-se que a modernidade transformou os seres humanos em “animais” de consumo e produção de dados.

REFERÊNCIAS

BOTTON, Alain de. **Notícias**: manual do usuário. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

CASARA, Rubens R R. **O Estado pós-democrático**: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. Revista: **Ciência da Informação** [online]. 2000, v. 29, n. 2. Acesso em: 24 out. 2022, p. 37-42. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652000000200005>.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**: como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 3ª ed. São Paulo: Unesp, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução: Gabriel S. Philipson. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

MEYER, Thomas; HINCHMAN, Lew. **Democracia midiática**: como a mídia coloniza a política. São Paulo: Loyola, 2008.

O DILEMA DAS REDES. Documentário. Direção: Jeff Orlowski. Estados Unidos da América: Netflix, 2019. Disponível em: netflix.com.br. Acesso em: 24 out. 2022.

VAIDHYANATHAN, Siva. **A googlelização de tudo e porque devemos nos preocupar**: a ameaça do controle total da informação por meio da maior e mais bem-sucedida empresa do mundo virtual. São Paulo: Cultrix, 2011.